

CRIOULO E PORTUGUÊS:  
VERTENTES LINGÜÍSTICAS DA LITERATURA DE CABO VERDE

Benilde Justo Caniato  
Universidade de São Paulo

Quando os portugueses chegaram a Cabo Verde (meados do século XV), encontraram as ilhas desabitadas. O povoamento difícil, devido ao clima rude, deu-se com os colonizadores lusos e, em maior número, com uma população escrava de origem africana, particularmente da Guiné, que foi trabalhar nas plantações de tabaco, café, cana de açúcar. A mestiçagem ocorreu em todas as ilhas, embora mais intensa numas, resultando um novo agregado, o cabo-verdiano, que, na expressão feliz de Orlando Albuquerque, passou a viver *consigo e para si*.

Para que houvesse intercâmbio de comunicação lingüística entre uns e outros, surgiu o falar de emergência, o *pidgin*, que, contrariamente ao que aconteceu no Brasil, onde o processo colonizador, por razões várias, foi profundo e duradouro, se estabilizou, acabando por converter-se em crioulo. A evolução, entretanto, deu-se *constrangidamente*, devido ao duro travão dos africanos, pois, oriundos de várias *regiões*, eram falantes de muitas línguas. (Sá Nogueira, em B. Lopes, 1984:11) <sup>1</sup>.

Baltasar Lopes julga que o crioulo cabo-verdiano, como os crioulos em geral, teria tido uma fase bilingüe inicial, seguindo-se outra em que o africano já assimilara uma estrutura gramatical simplificada do português. Partindo-se desta base simplificada é que se pode compreender sua vitalidade, tornando-se impossível sua *erradicação* como fala comum, e até sua viabilidade literária. (1984:42)

Funcionalmente o crioulo foi preenchendo a necessidade da comunicação dos falantes do Arquipélago. Tomando o português como língua-fonte, os desvios e mutilações sofridas na fonologia, morfologia e sintaxe acabaram por resultar o falar cabo-verdiano. Na fonologia, por exemplo, houve adaptação dos falantes aos fonemas da língua do colonizador: apócope (*perdê* por *perder*, *ri* por *rir*); aférese (*rabatá* por *arrebentar*); síncope (*xávna* por *chávena*); metátese (*borteja* por *brotoeja*).

Na morfologia registram-se muitas alterações. O artigo definido desaparece. Os substantivos e adjetivos geralmente não possuem flexão de número. Os verbos, via de regra, reduzem-se à forma do infinitivo com apócope do *-r*, as desinências pessoais são suprimidas, sendo indicadas pelos pronomes pessoais (*êl bê = ele vem*); as desinências modais e temporais são expressas por meio das formas auxiliares (*êl tá kantába = ele cantava*). O pronome *eu* desaparece; *bô*, 2ª pes. sing. perde sua função de 2ª pes. do plural; *êl* e *ê* provêm de *ele*, ou talvez de *el*, que, segundo Leite de Vasconcelos, ainda existe em algumas regiões de Trás-os-Montes. (B. Lopes, 1984: 132); para a 2ª pes. do plural emprega-se *bzôte* (*vós outros*); *bosê* (*você*) representa a pessoa com quem se fale com certo respeito ou deferência.

Quanto à sintaxe, passamos a destacar alguns casos. O advérbio *onde*, com as várias regências, em português, é representado na variante de São Nicolau por *donde*: *dondê ke bô stã?* (*onde estás tu?*); *dondê ke bô tâ bê?* (*de onde vens?*). *Haver*, como verbo impessoal, é substituído pelo *ter*, tal como no Brasil: *Já tem milho pa cachupa?*<sup>2</sup> / *Já tem milho pa cuscuz*<sup>3</sup>. A supressão de nexos gramaticais, subvertendo a sintaxe regular, é bastante freqüente: *Dá kabóle água* (*Dá água ao cavalo*). Como já mencionamos, o artigo definido desaparece, mas em São Nicolau, curiosamente, conserva o *s* na forma do plural, principalmente em topônimos: *spedra* (*as Pedras*); *skazina* (*as Casinhas*); *sgalegu* (*os Galegos*)<sup>4</sup>.

O crioulo não se alastra homoganeamente pelo Arquipélago, acabando por distribuir-se em dois grandes grupos: o de Barlavento (ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Boa Vista e Sal); e o de Sotavento (ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava). O de Sotavento e o Guineense formam um grupo dialetológico por suas afinidades, explicando-se historicamente pela presença cabo-verdiana na colonização da Guiné portuguesa. Acrescente-se também que a história política e social desta nação africana prende-se à de Cabo Verde, uma vez que até 1879 esteve ligada administrativamente ao Arquipélago.

Nas ilhas de Sotavento as sílabas são pronunciadas mais distintamente do que nas ilhas de Barlavento, o que levou Baltasar Lopes a considerar o núcleo de Sotavento mais próximo da língua portuguesa do Brasil. O filólogo cabo-verdiano ainda subdivide as duas variantes em áreas menores: A) a de Barlavento, compreendendo: a) a área dialetal de Santo Antão e São Vicente, com maior debilidade das vogais átonas; em Santo Antão o *lh* é representado pela semivogal *i* (*paia*, por *palha*); b) a área dialetal de São Nicolau; B) a de Sotavento, compreendendo duas áreas menores: a) a que abrange Santiago, Maio e Fogo; b) a que abrange a ilha Brava. (1984: 36-37)

A tradição literária em crioulo é de fins do século XIX, quando o *Almanaque Luso-Africano*, fundado pelo Cônego Teixeira (2 volumes: 1894 e 1899), reproduziu historietas, anedotas, lendas, poesias e letras de canções. Em

1886, Joaquim Botelho da Costa e Custódio José Duarte escrevem *O crioulo de Cabo Verde*, e no ano seguinte Antônio de Paula Brito publica *Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago*. Posteriormente, em 1910, vem à luz *Canções crioulas e músicas populares de Cabo Verde*, de José Bernardo Alfama.

Até as primeiras décadas do nosso século, o acervo literário em crioulo constitui-se praticamente de poesia lírica e satírica, na forma de mornas<sup>5</sup> e finançons<sup>6</sup>. Canção de saudade e de *crechéu*<sup>7</sup>, a *morna* reflete a *morabeza*<sup>8</sup> o sonho e o sofrimento contidos do cabo-verdiano, diante de suas adversidades. Vinculadas ao cancionero popular, há inúmeras *mornas* anônimas, enquanto outras foram compostas por autores tropeiros bastante conhecidos e prestigiados pelo povo, como Bêléza (Xavier da Cruz) e Eugênio Tavares. Nhô Eugênio, como ficou conhecido, procurou expressar em suas mornas o ambiente de Brava, sua ilha natal. (publ. póstuma em 1932: *Mornas - cantigas crioulas*)

Eugênio Tavares (1867-1930) e Pedro Cardoso (1890-1942) foram os primeiros a compor, efetivamente, o núcleo literário em crioulo, estimulando a formação de uma vanguarda nos anos 30. Escreveram no grupo dialetológico de Sotavento, variante utilizada por maior número de falantes (no *Colóquio sobre o Crioulo*, em 1979 - São Vicente - , seria recomendado como língua-base), e, segundo B. Lopes, mais adequado literariamente do que a variante de Barlavento, por esta ser menos harmônica. (1984: 76). Confirmam-se, por exemplo, as formas ásperas, devido à queda de vogais átonas protônicas e postônicas: *mdi* por *medir*; *psti* por *vestir*; *xávna* por *chávena*.

Em 1936, a língua nativa consagra-se, efetivamente, com textos na página de rosto dos dois primeiros números da revista *Claridade*<sup>9</sup>. Seus dinamizadores, Osvaldo Alcântara (pseudônimo poético de Baltasar Lopes), Manuel Lopes, Jorge Barbosa, preocupados com o processo de formação social das ilhas, voltam-se para o estudo de suas raízes, na busca de sua identidade cultural. Nessa altura, nossos modernistas - Lins do Rego, Jorge Amado, Amando Fontes, Marques Rebelo - despertam muito interesse entre os letrados de Cabo Verde, pela temática regional. Também nosso poeta Manuel Bandeira. Sua *Evocação de Recife*, cujas figuras se identificam com as de vila da Ribeira Brava, terra natal de Baltasar Lopes, é considerada por ele um *alumbramento*.

*Claridade* coloca-se na vanguarda do enobrecimento da língua nativa, que, desde os alvares da colonização portuguesa, ali se fora formando em seu uso diário. Dentre os muitos méritos da revista pioneira destacam-se o efeito catalisador sobre a mentalidade dos intelectuais e, fundamentalmente, a coragem em abordar os problemas da terra, despertando na juventude letrada um autêntico interesse pelas realidades crioulas.

Baltasar Lopes abre caminho para o romance moderno de Cabo Verde, com *Chiquinho*, publicando dois capítulos, respectivamente, no n.º 1 e 3 de *Claridade* (1936 e 37). Obra de evidente preocupação social, a terra agreste, os costumes da ilha de São Nicolau e os objetivos inconformistas do grupo do Liceu de São Vicente constituem seus aspectos mais significativos. Ao lado do cenário físico e social, o Autor procura fixar construções da língua nativa, através das falas das personagens e do discurso do narrador, buscando acentuar a cabo-verdianidade do Arquipélago. Utilizando-se de palavras do crioulo (*mantenhas, codê, léu-léu, milho-aliado*, respectivamente, *saudações, filho mais novo, chuva fina, milho-pipoca*), e de formas sintáticas, que representam ruptura aos modelos tradicionais:

*Maria, você diga Pitra para ter cuidado com as cabras  
para não estragar planta no Trás de Pico, No Daisy  
mando vocês umas pranchas para um portal novo.  
(1986, 11)<sup>10</sup>*

Baltasar Lopes torna-se pioneiro no espaço africano de língua portuguesa. Bem mais tarde é que os angolanos Luandino Vieira e Boaventura Cardoso vão construir suas narrativas com tais infrações.

Na década seguinte, um novo grupo de intelectuais lança a revista *Certeza* (1944), sob influência do neo-realismo português e brasileiro, *prestando um novo tom de consciencialização à cena cultural-literária*. (Russell Hamilton, 1984: 125)<sup>11</sup>. Mas a revista, com dois únicos números, não publicou textos em crioulo, como o fizera *Claridade*. O novo grupo, pensando mais em termos ideológicos do que regionais, não se orientou pelas fontes populares, nem se voltou para a redescoberta da terra. Arnaldo França informa, no entanto, que o poema *M crebo*, de Rodrigo Pires, pronto para sair no n.º 2 da revista, teria sido cortado pela censura (Cf. *Voz di povo*, 5/11/77).

Após *Certeza*, as obras literárias continuaram a registrar expressões da fala e da sintaxe regionais. Nas narrativas de Manuel Ferreira, por exemplo, tais usos contribuem, sem dúvida, para conduzir o leitor a um contexto situacional identificado com a realidade do Arquipélago. Confirmam-se, a seguir, alguns exemplos de *Hora di Bai*, romance cujo tema central é a grande seca de 1943, que dizimou milhares de cabo-verdianos:

*Marido dela embarcou num veleiro e ninguém mais viu  
ele. Dias-há chegou nhô Tomás e me disse: Vá para Soncente. (1972: 16)*

O pronome pessoal subjetivo como objeto direto é comum, tal como ocorre na linguagem coloquial do Brasil. A expressão *dias-há* significa *há muito tempo*; em Boa Vista usa-se *dizá*,

*Hora di bai? Bô crê bá comigo?*

*Não sejas disparatente.*

*Bô é tracolança, menina (1972: 18)*

O pronome *vós* se diz *bô*, e passa a ser empregado na 2ª pessoa do singular, conforme já foi mencionado por nós. *Disparatente* significa *disparatado* e *tracolança*, *doidivanas*, *mulher da vida*.

*“Noite de Mindelo é sabe e silenciosa, canta o tropeiro”.* (p.51).

*Um dia, ou antes, há tempos, pela tardinha, estava ele nesta sabura.* (p52)

*Sabe* significa *gostosa, deliciosa; sabura, gostosura*. Para B. Lopes. assenta-se, talvez, no verbo *saber*, no sentido de *ter sabor*, provindo da expressão: *isto sabe bem*, de que se teria isolado a forma verbal, portadora da idéia básica. (1984:148) O verso *Noite de Mindelo é sabe e silenciosa* pertence ao tropeiro popular Bêléza.

*Estou com graça de uma coisinha. É minha cachupinha guisada, disse nha Venância.* (p.62)

*Estou com graça = tenho vontade; nha* provém de *senhora*, possivelmente por intermédio de *senhara*, que também se ouve no Arquipélago. (B. Lopes, 1984:134).

Mais recentemente a produção literária tem sido estimulada com textos inteiros em crioulo, buscando traduzir, com fidelidade, o universo sociocultural do Arquipélago. Dentre os poetas citamos: Ovídio Martins, autor de *Caminhada* (1962), parte em crioulo e Kaoberdiano Dambará, autor de *Noti* (1964), poemas de protesto e de combate.

Luís Romano, que rejeita a expressão crioulo por lhe parecer pejorativa, espera ser possível a língua cabo-verdiana tornar-se oficial e unificada, abrangendo todo o Arquipélago. Em 1973 publica no Brasil *Lzimparin/Negrume*, em edição bilingüe: em português e em crioulo de Santo Antão, sua ilha natal, constituindo-se a primeira experiência em livro, do Arquipélago. Mais tarde, sua *Ilha* (1991) terá algumas narrativas também na modalidade de Santo Antão e outras na de Santiago. Muito atuante como letrado, atualmente morando em Natal (RN), Luís Romano vem elaborando um dicionário que deverá intitular-se *Definições Semânticas do Idioma Caboverdiano*, contando já com mais de 2.200 termos referentes ao grupo de Barlavento.

Em prosa crioula, temos também a obra romanesca *Oju d’Agu* (1987), de Manuel Veiga. Autor de ensaio *Crioulo em foco - problemática duma escrita* (*África* 6: 73-75), onde trata dos aspectos lingüísticos, sociolingüísticos e político-econômicos do crioulo, propõe a unificação da escrita, *embora ato de violência, mas o caminho mais viável para a valorização duma língua falada, quando muito, por um milhão de pessoas e num país com fracos recursos econômicos.*

É também digno de nota o papel que representou, na década de 70, Sérgio Frusoni nos meios públicos de comunicação - Rádio Mindelense -, com crônicas em crioulo, que alcançaram sucesso pelo estilo jocoso.

Logo após o 25 de abril, Jacinto do Prado Coelho, da *Colóquio/Letras*, solicitou a escritores e estudiosos portugueses e africanos que se manifestassem a respeito de *O futuro do português como língua literária em África*:

*Portugal encontra-se no momento crítico duma das grandes viragens da sua História: cinco séculos após os descobrimentos e a Conquista, inicia o processo de descolonização, empenhando-se em contribuir para que as antigas colônias edifiquem um futuro independente, digno e próspero. Mas a presença da cultura portuguesa permanece através da língua que lhe serve de veículo. Qual a sorte dessa língua em África, no domínio da produção literária?*

E acrescentava ser enorme tarefa:

*planear e desenvolver uma ação político-cultural para expansão e consolidação em África da língua comum, estudando e respeitando, ao mesmo tempo, como se verifica em relação ao Brasil, a personalidade e o estilo (inclusivamente lingüístico) de cada um dos novos países irmãos. (Colóquio/Letras, 21:5, 1974)*

O cabo-verdiano Antônio Aurélio Gonçalves, em seu depoimento, enfatiza não ser possível a substituição do português pelo crioulo, porque este não dispõe de características estéticas capazes de promover revoluções literárias, que não se improvisam de um momento para outro (1974:8).

Manuel Ferreira, por sua vez, considera que, em Cabo Verde, *um caso especial de aculturação e de bilingüismo literário*, os escritores, em sua maioria, se expressam literariamente em português, ainda que se verifique, modestamente, um ou outro surto dialetal, e acrescenta:

*Estamos em presença duma mestiçagem lingüística, não só na estrutura fonética como na morfológica, numa permanente desagregação da língua-padrão. (1984: 10-12)*

Enfim, todos os que responderam à questão proposta por Jacinto do Prado Coelho, quer encarando do ponto de vista lingüístico, quer, do ponto de vista sócio-cultural, destacam que a língua portuguesa, por uma razão ou outra, será a língua literária das cinco nações africanas.

Na sessão de abertura do *Colóquio sobre o Crioulo* (São Vicente, abril de 79), o então Ministro da Educação e Cultura, Dr. Carlos Reis, destaca o fator de identidade cultural e nacional do crioulo de Cabo Verde. Por outro lado, a Diretora Geral da Cultura, Dulce Almada Duarte, em intervenção a uma das sessões, menciona a necessidade de o crioulo ser introduzido no ensino básico, não excluindo, porém, o português, pois as duas línguas não se opõem, antes se complementam. Cremos que, na medida em que o ensino do crioulo se for concretizando, em nível de escola primária, pouco a pouco se formará um novo público leitor, o que, possivelmente, poderá motivar os escritores a que publiquem obras também em sua língua materna, como alguns já o vêm fazendo.

Recomendando a variante do Sotavento como língua-base, o *Colóquio* finaliza sugerindo ao escritor que *incentive o uso e prática do Crioulo como língua de produção literária*, e também que colabore com os lingüísticas para o estudo e aprofundamento de seus valores intrínsecos, *de forma a prevenir o seu desvirtuamento e garantir a sua pureza*<sup>12</sup>.

Acreditamos, no entanto, que as obras literárias cabo-verdianas, em sua maioria, continuarão a ser escritas em português, língua que se abriu a este novo espaço africano, modificando-se, mas conservando a sua unidade. Temos ali uma nova norma, na acepção de Coseriu, isto é, realização do sistema sob formas determinadas socialmente, norma que se vem ajustando à expressão literária, alimentando-se no coloquial do dia-a-dia.

*Em 1969 já dizia Almícar Cabral, um dos líderes da Revolução pela independência:*

*Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo. (1975: 101)*

## NOTAS

- 1 - Os primeiros estudos sobre as línguas crioulas, em Portugal, são de 1880, por Adolfo Coelho: *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*, publicados no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Republicado com introdução e notas de Jorge Morais-Barbosa em *Estudos Lingüísticos crioulos*. Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967, p. 1-234.

No final do século, Leite de Vasconcelos também se interessou pelos criou-

los portugueses, publicando *Dialectos crioulos portugueses de África: contribuições para o estudo da dialectologia portuguesa*, na *Revista Lusitana*, V. 1897-99, 241-261.

As publicações mais recentes são: *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, por Baltasar Lopes da Silva. Lisboa, Imprensa Nacional, 1957. Há uma edição fac-similada pela Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, de 1984; *Cabo verde, contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, por Dulce Almada Duarte., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961; *Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo caboverdiano*; *Le vocalisme atone des parlers créoles du Cap Vert e Sobre a natureza dos crioulos e a sua significação para a lingüística geral*, por Herculano de Carvalho, em seu *Estudos Lingüísticos*. Coimbra, Atlântida, 1969, v.2, p. 5-73; *A situação lingüística de Cabo Verde e Guiné Bissau: português e crioulo frente a frente*; e *Será o crioulo de Cabo Verde um continuum?* por Celso Cunha, em seu *Lingua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 73-106.

- 2 - *cachupar* prato da culinária à base de milho, alimentação básica de Cabo Verde. Para Luís Romano, o termo teria sido derivado do ambundo *cachupa*, palha de milho para cigarro. Para o seu preparo, esmaga-se o milho no pilão, retira-se o farelo no balaio de tenter, cozinha-se com feijão ou fava, toucinho, hortaliça, chouriço, etc., conforme as posses da pessoa.
- 3 - *cuscuz* prato muito usado no Arquipélago. Faz-se de milho ou de mandioca e é cozido com o vapor d'água.
- 4 - A obra de Baltasar Lopes *O dialecto crioulo de Cabo Verde* exemplifica fartamente as transformações fonéticas, morfológicas e sintáticas. Contém, ao final, um amplo vocabulário do crioulo das ilhas.
- 5 - *morna* substantivação da forma feminina do adjetivo (*morna*), designando poesia, música e dança típica de Cabo Verde. Segundo Jaime de Figueiredo, *a morna perde-se no emaranhado das condições do processus aculturativo através dos acidentes do povoamento das ilhas; a gênese da canção crioula. E sem embargo da diversidade de circunstâncias de meio ecológico variado, por todo o arquipélago a mesma forma musical floresceu, em dada altura, ajustado o ritmo e a letra às peculiares nuances da psicologia popular.* (1970; 317-8)
- 6 - *finançons* ou *finaçons* danças e cantigas típicas da ilha de Santiago. Figuram como epígrafe do romance *Chiquinho*, de Baltasar Lopes, os seguintes versos de uma *finançon* de Santiago:

*Corpo, qu'ê nêgo, sa ta bai.../coraçom, qu'ê fôrro, sa ta fica. (O corpo, que é escravo, vai.../o coração, que é livre, fica.)*. Estes versos exprimem, liricamente, o dilema do cabo-verdiano: *partir*; por razões de sobrevivência; *fi-*

*car*, para agarrar-se a sua terra e encontrar ali sua razão de ser.

7 - *crechêu* de *crê* + *chéu* significa *querer muito*; *chéu* provém do arcaico *cheo*.

8 - *morabezar* de *morabê* *morável* + *eza*; modo afetivo, misto de gentileza e liberalidade; ânsia de convívio e de trato humano como resposta ao isolamento geográfico; afabilidade como compensação da aridez das ilhas.

9 - Para Teixeira de Sousa, com *Claridade* fez-se luz na literatura cabo-verdiana, afastada até aquele momento dos seus valores culturais; poetas e prosadores passaram a expressar a autenticidade das ilhas, uma espécie de pré-nacionalismo, que melhor revelava a realidade insular (*Cultura, A Semana IV, Praia* (Santiago) 18/10/93).

10- *Chiquinho* só foi publicado em 1947, mas segundo Manuel Ferreira, já estava pronto antes de 1940.

A experiência de Baltasar Lopes, segundo M. Ferreira, foi muito além, criando textualmente uma terceira língua, *ejectando o crioulo na língua portuguesa* (*Prefácio Claridade, 1986 . LXVIII*).

11- Para Onésimo Silveira, a consciencialização caracteriza o acesso à consciência de aspectos da experiência excluídos da percepção consciente do sujeito, em *Consciencialização na Literatura caboverdiana, 1963*.

12- *A Semana* de Cabo Verde, nº 90, 15/02/93, informa que o filólogo alemão Jürgen Lang vem trabalhando há dez anos num dicionário e numa gramática do crioulo, que deverão ser publicados em 1997.

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail - *Questões de literatura e de estética*. 3 ed. São Paulo, UNESP, 1993.
- CABRAL, Amílcar - “Apontamentos sobre a poesia caboverdiana”. Vozes, Petrópolis, 1: 15-21, 1976.
- CARVALHO, José Herculano - “Sobre a natureza dos crioulos e a sua significação para a lingüística geral”. Em *Estudos lingüísticos*. Coimbra, Almedina, 1968, v.2, 5-73.
- COELHO, Jacinto do Prado (org.) - “O futuro do português com língua literária da África”. *Colóquio/Letras*, Lisboa, 21:5-16, set./74.
- CUNHA, Celso - *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1981.
- DUARTE, Dulce Almada - *Cabo Verde: contribuição para o estudo do dialecto falado em seu Arquipélago*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961.

DUARTE, Manuel - “Caboverdianidade e africanidade”. *Vértice*. Coimbra, 14:639-644, 1939.

ELIA, Sílvio - *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo, Ática, 1989.

FERREIRA, Manuel - *Aventura crioula*. 2 ed. Lisboa, Plátano, 1973.

- *No reino de Caliban*. Lisboa, Seara Nova, v.1, 1975.

- *O discurso no percurso africano*. Lisboa, Plátano/1989/.

- *Hora di Bai*. 3 ed. Lisboa, Plátano, 1972.

- *Prefácio*. Em *Claridade*. Linda-a-Velha (Portugal), ALAC, 1986, p. XIII-XCVIII

FIGUEIRO, Jaime - “O sentido da morna e das coladeiras”. *Revista de etnografia*. Porto, 20: 317-320, 1970.

LOPES, Baltasar - *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Casa da Moeda, 1984.

- *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia (Santiago), 1956.

- *Chiquinho*. São Paulo, Ática, 1986.

MORAIS-BARBOSA, Jorge - (org, intr. e notas) - *Estudos lingüísticos crioulos*. Lisboa, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1967.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá - *Prólogo*. Em LOPES, Baltasar - *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Casa da Moeda, 1984.

ROMANO, Luís - “Cem anos de literatura caboverdiana: 1880-1980”. *África*. São Paulo, CEA/USP, 7: 38-56, 1984; 8: 25-49, 1985.

- “A língua caboverdiana”. (xerocópia enviada ao I Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil - CEP/FFLCH/USP, set./1993).

SILVEIRA, Onésimo - *Consciencialização na literatura cabo verdiana*. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1963.

SOUSA, Teixeira de - “Da Claridade à Clarividência”. *Cultura*, A Sema-na. Praia (Santiago), 125, 18 out./1993.

*Colóquio sobre o crioulo - África*. Lisboa, África Ed, 5: 563-570, 1979.

\*\*\*